



## Racismo à brasileira e a “maldição” do goleiro preto

### *Brazilian racism and the “curse” of the black goalkeeper*

Roger dos Anjos de Sá

Doutor em História, Universidade Federal de Goiás, <https://orcid.org/0000-0001-9252-5194>,  
rogerniger@hotmail.com

Recebido em: 08/11/2024/ Aceito em: 19/04/2025  
DOI: 10.12660/rm.v17n27.2025.92419

#### Resumo

O artigo discute a relação entre futebol e racismo, tendo como foco a *maldição* do goleiro preto nascida após a derrota na final da Copa de 1950, conhecida como *maracanaço*. A culpa pela derrota foi atribuída ao goleiro Moacyr Barbosa, consignando estereótipos e estigmas acerca de jogadores negros. A partir da perspectiva do racismo à brasileira, o texto busca compreender como a “maldição” do goleiro preto permanece até os dias atuais. A inserção dos jogadores negros no futebol no Brasil ocorreu subsumida à ambiguidade da inclusão excludente, característica premente do mito da democracia racial, transformada em ideologia oficial de Estado a partir da década de 1930. A persistência da maldição até os dias atuais demonstra a lógica da estrutura racista que conforma a sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Racismo; Futebol; Barbosa; Goleiro preto.

#### Abstract

The article discusses the relationship between football and racism, focusing on the curse of the black goalkeeper born after a defeat in the 1950 World Cup final, known as *maracanaço*. The blame for the defeat was attributed to goalkeeper Moacyr Barbosa, consigning stereotypes and stigmas about black players. From the perspective of Brazilian racism, the text seeks to understand how the “curse” of the black goalkeeper continues to this day. The inclusion of black players in football in Brazil occurred subsumed under the ambiguity of the exclusionary inclusion, characteristic prior to the myth of racial democracy, transformed into an official State ideology from the 1930s onwards. The persistence of the curse to the present day demonstrates the logic of the structure racist that shapes Brazilian society.

**Keywords:** Racism; Soccer; Barbosa; Black goalkeeper.

## Introdução

*Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto” (Lélia Gonzalez, 1984, p. 226)*

Assim como significativos vocábulos, o termo “raça” surgiu a partir da constatação das diferenças entre os seres humanos. Emprestado da biologia e da botânica e cunhado como elemento de distinção entre seres humanos, ganhou contornos novos no contexto dos encontros dos europeus com outros povos. Nesses encontros, com efeito, os europeus passaram a racializar para dar compreensão e inteligibilidade às diferenças, sobretudo de aparência física, consignando esse elemento como um dos pilares centrais de compreensão das distinções culturais e sociais entre os diferentes agrupamentos humanos nas mais variadas localizações geográficas (Munanga, 2009).

No século XIX, especialmente a partir de sua segunda metade, a categoria racialista emergiu e foi absorvida no Brasil com a necessidade não de negar a “igualdade entre os homens”, sobretudo jurídica, mas de dar legitimidade às diferenças sociais, políticas e econômicas. Nesse sentido, “servia para descrever comportamentos, habilidades, deficiências e atitudes dos povos de pele escura” (Abrahão; Soares, 2020, p. 721), ressaltando elementos que não negavam a “igualdade” da origem biológica, mas que flagravam sua inferioridade como sujeitos pretos, de práticas culturais menos desenvolvidas. Neste sentido, a *raciologia*, como categoria científica, serviu, então, para validar a dominação racial, pois propunha que pessoas não brancas eram inferiores. No contexto de emergência do esporte e especialmente do futebol, na segunda metade do século XIX (Elias; Dunning, 2019), ele herdou essa dimensão racial à medida que foi introduzido em diferentes partes do mundo.

Nessa perspectiva, pensar o futebol como elemento cultural envolve diversas questões que perpassam as mais variadas dimensões das estruturas sociais. Dada sua importância como esporte mais popular no Brasil, ele deve ser pensado e

analisado a partir de uma miscelânea de questões políticas, sociais e culturais, entre as quais o racismo constitui-se como uma das mais destacadas. Logo, deve-se considerar o racismo como parte constitutiva no e do processo de formação do Brasil enquanto Estado-Nação (Santos, 2022) e o futebol foi aqui inserido no contexto do fim do regime escravista, herdando essa dimensão excludente da sociedade brasileira. Essa inserção se deu como um esporte praticado pela elite branca, sendo vedada, portanto, a participação aos negros<sup>1</sup>. A incorporação destes, especialmente do negro retinto, ocorreu de forma lenta, gradual, conflituosa e de maneira subalterna, característica que teima em persistir até os dias atuais, ainda que jogadores negros sejam protagonistas e tenham status de superestrelas tanto nacionalmente como a nível mundial. Elementos de uma estrutura excludente que perpetua relações sociais baseadas na racialização dos sujeitos consignando e designando espaços determinados pelas categorias raciais. “O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (Almeida, 2019, p. 65). Nesse sentido, o racismo constituiu-se ordinário, permeado nas relações sociais cotidianas. “De fato, o racismo é uma relação social, não um simples delírio de indivíduos racistas”, argumenta Etienne Balibar (2021, p. 79). Desta maneira, desde sua emergência como categoria explicativa, a raciologia e o racismo dela decorrente, como categorias supostamente amparadas na ciência, nada mais são do que construções que visam manter relações de dominação, subordinação e exploração. Neste sentido, entender o racismo hoje não como fruto de uma patologia inventada, mas parte constitutiva das relações sociais cotidianas que se expressam pelo automatismo da reproduzibilidade da subordinação, exclusão e dominação faz-se necessário e constitui-se como objetivo do texto.

Com efeito, o racismo opera designando e/ou vedando aos negros retintos algumas funções no campo de jogo. Certas habilidades – conforme a operacionalidade do racismo – não pertencem a esses sujeitos, logo, não possuem competências suficientes para desenvolverem determinadas responsabilidades, exercerem certas funções<sup>2</sup> ou ocuparem determinadas posições no campo ao jogar

<sup>1</sup> Utilizamos os parâmetros do IBGE que consideram *negros* tanto pretos como pardos.

<sup>2</sup> Aos negros são negadas as funções administrativas ou as funções de pensar, elaborar, coordenar, dirigir as comissões técnicas dos times de futebol no Brasil. Esses espaços são racializados e ocupados por pessoas não negras, com raríssimas exceções (Carneiro; Virginia, 2023).

futebol. Com efeito, os negros são historicamente escolhidos como bodes expiatórios nos fracassos da seleção brasileira em Copas do Mundo, como argumenta Conceição (2023). Segundo seu argumento, a função de bodes expiatórios recai quase sempre sobre jogadores negros. Quando essa função é atribuída a jogadores não negros, como Cláudio Coutinho (1978), Zico (1986) e Dunga (1990):

O questionamento está restrito a seu comportamento profissional, isto é, seu pragmatismo, resistência ao novo, persistência, excesso de racionalidade e mesmo avaliações sobre sua condição física ou técnica. Críticas que guardam uma dualidade, pois, no fracasso são impeditivos para o sucesso, na vitória, demonstram uma postura corajosa e perseverante (Conceição, 2023, p. 228).

No caso de jogadores negros, quando escolhidos como bodes expiatórios, a perspectiva está umbilicalmente vinculada a questão racial de modo que a crítica não se restringe a eventual má qualidade de seu jogo, mas também sobre sua condição como sujeitos sociais racializados que são. “No caso dos jogadores pretos, suas vidas pessoais e profissionais são noticiadas para destacar um cenário com falta de comprometimento e profissionalismo” (Conceição, 2023, p. 228-229).

Nesse *ranking* da exclusividade e subalternidade entre os que entram em campo, a posição de goleiro é insuperável; produto de uma maldição interminável. Argumenta-se a partir da tecnologia racial que a posição de goleiro exige capacidade de organização racional e, fundamentalmente, confiança. O goleiro preto não as possuiu, pois, racializado que é, sua condição inata de pertencente à raça negra determina sua condição: é instável, por isso não confiável, e não consegue estabelecer uma lógica racional organizativa que o torna habilitado/competente para a função de goleiro. Essa perspectiva consolidou-se em relação aos goleiros pretos desde a suposta falha de Moacyr Barbosa no *Maracanaço*, a fatídica derrota da seleção brasileira para o Uruguai na Copa de 1950. E municia as concepções em torno dos goleiros pretos no Brasil até os dias atuais.

Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota. O gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado “frango” de Barbosa (Rodrigues, 2013, p. 60).

Com efeito, o texto tem o objetivo de abordar o processo de inserção do negro no futebol no Brasil e de como isso ocorreu; sob a insígnia do racismo à brasileira (Telles, 2003). A ambiguidade é elemento constitutivo, uma característica inerente desse processo de inserção imbuído sob o manto do racismo. A negação do racismo, inclusive, serviu para incluir os negros, mas sob um prisma hierárquico, de modo que por aqui coexistem diversamente duas realidades: “de um lado, a descoberta de um país profundamente mestiçado em suas crenças e costumes; de outro, o local de um racismo invisível e de uma hierarquia arraigada na intimidade” (Schwarcz, 1998, p. 241).

A inclusão excludente se consolidou a partir da década de 1930, no momento em que o mito da democracia racial – como uma forma explicativa acerca a questão racial no Brasil – isto é, de que as relações raciais ocorriam de maneira harmoniosa, passou a ser sistematizada a partir de textos acadêmicos e tornou-se ideologia oficial de Estado (Domingues, 2013). A participação do sujeito negro ora é vista como positiva, elogiada, ora impedida, negada, malvista. Como argumentam Abrahão e Soares (2020, p. 722), “a presença do negro no ‘campo de futebol’ dramatiza a paradoxal tensão do ‘racismo à brasileira’ qual seja: ‘como é que a inclusão pode coexistir com a exclusão?’” Esse drama constitutivo tem na posição de goleiro um aspecto mais duradouro e o predomínio mais acentuado da exclusão includente. A despeito de diversos estereótipos precederem a indicada falha de Barbosa na Copa de 1950, a condição de goleiro negro, especialmente preto, tornou-se um estigma, uma pré-condição para não ser goleiro, ou ser um goleiro não confiável. A ausência de goleiros pretos na seleção durante muitos anos evidencia que o estigma vinculado a Barbosa se consolidou como uma maldição; maldição do passado que permanece no presente. Historicamente são poucos os goleiros pretos que tiveram prestígio nas metas dos grandes clubes no Brasil.

### **O futebol e a questão racial**

A Copa de 1950 foi a primeira após a Segunda Guerra Mundial e a sua realização no Brasil acarretou uma grande carga simbólica do ponto de vista político e social. No otimismo presente no pós-guerra, a sociedade brasileira e o Estado brasileiro procuravam modificar-se de maneira acelerada dentro do contexto de expansão do capitalismo internacional, buscando superar a situação de país atrasado. Neste sentido, o Brasil, enquanto nação, procurava se afirmar frente aos outros,

especialmente a partir do espelho europeu; países avançados. O futebol, através da seleção brasileira, foi entendido como possibilidade de o país apresentar-se como moderno. Argumenta Gilmar Mascarenhas (2020, p. 495): “a Copa do Mundo é uma autêntica ‘guerra ritualizada’, que reafirma o futebol como o melhor revelador das virtudes de uma nação”. Vale ressaltar que era de interesse do governo de Getúlio Vargas realizar esse evento desde 1942, como uma propaganda genuína do Estado Novo sendo impossibilitado, contudo pela Segunda Guerra Mundial.

Os esportes, e especialmente o futebol, configuraram-se como importante elemento para a construção do nacionalismo, como afirma Eric Hobsbawm (1990a, p. 171):

O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar como a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.

Entendendo o futebol como reflexo da sociedade é preciso, portanto, considerá-lo a partir de suas múltiplas e complexas relações em todos os âmbitos sociais. Neste sentido, ele precisa ser compreendido em sua especificidade lúdica (técnica, tática, jogo, regras etc.) e em sua dimensão sociológica (histórica, relações sociais, econômicas, políticas, ideológicas etc.), o que implica compreendê-lo não apenas como uma atividade mecânica, mas como uma manifestação cultural que carrega consigo toda uma carga de significados complexos. Neste sentido, a formação e a prática do futebol no Brasil devem ser compreendidas a partir dessa perspectiva: como uma manifestação cultural permeada de conflitos sociais e raciais existentes no país (Murad, 2017; Freitas Jr., 2012).

Nas últimas décadas do século XIX consolidou-se no Brasil, oriunda da Europa, a construção da noção de que a população negra era um entrave para o progresso do país como nação forte. A hierarquia racial, tendo os brancos no topo distintivamente e os negros homogeneizados na escala de baixo tornou-se elemento explicativo sobre as relações raciais no Brasil. A solução para evitar a degeneração completa era embranquecer a população brasileira, operacionalizando a Redenção

de Cam<sup>3</sup>. A perspectiva eugênica em parte tinha uma visão negativa da miscigenação e em parte positiva, especialmente a partir da década de 1910. Nesse momento, como afirma Telles (2003, p. 50), “[...] a maior parte da elite brasileira e muitos eugenistas haviam começado a exaltar as virtudes da miscigenação brasileira, incluindo a possibilidade de harmonia racial e união”.

No contexto de profissionalização do futebol, a ideologia do mito da democracia racial tornou-se a perspectiva interpretativa acerca das relações raciais dominante e oficial. Para Gilberto Freyre, o autor de *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933, influenciado pela antropologia de Franz Boas, seu orientador, as diferenças entre as comunidades humanas derivavam de suas distinções culturais e não biológicas. Desta maneira, as relações raciais no Brasil eram fruto de fusões serenas dos diferentes povos e culturas que compunham a população do país.

A emergência da ideologia sistematizada do mito da democracia racial serviu para mitigar a percepção da processualidade imbricada na exclusão e na subalternidade. Neste sentido, a perspectiva de construção da nacionalidade brasileira a partir da década de 1930 emerge com grande força vinculada a esse mito e atrelada também ao futebol. Assim, a construção de uma brasilidade tem no futebol grande aliado e instrumento de sua configuração, sentido e percepção. Logo, o futebol é elemento especial nesse bojo de invenção de uma identidade brasileira formatada também a partir de questões raciais – o Brasil miscigenado –, que, por sua vez, tem no tão difuso “estilo brasileiro de jogar futebol” importante efeito catalisador (Cornelsen, 2016).

Gilberto Freyre escreveu em 1938, no contexto de realização da Copa do Mundo da França, após a seleção brasileira vencer o time polonês por 6x5, empatar em 1x1 e depois vencer a Tchecoslováquia por 2x1 no jogo extra, que a mestiçagem que compunha o selecionado brasileiro era responsável pela criação de um estilo próprio e específico de jogar futebol.

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas

---

<sup>3</sup> Referência à tela do pintor espanhol radicado no Brasil Modesto Brocos, que pintou a tela de mesmo nome. Para o imaginário religioso europeu construído a partir do processo de expansão e conquista de novas terras, especialmente a América e a África, a partir do final do século XV, os negros eram descendentes de Cam, filho amaldiçoado de Noé, que seria o progenitor dos habitantes do continente africano.

técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam alas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeitão mulato. Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas moleironas, mineiras a que se sucedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga. [...] O contraste pode ser alongado: o nosso *foot-ball* mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa do que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tchecoslovacos é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma. [...] O estilo mulato, afro-brasileiro, de *foot-ball* é uma forma de dança dionisíaca (Freyre, 1938).

Nessa perspectiva, o “estilo brasileiro de jogar futebol” foi consignado, inventado a partir da construção de representações sobre os negros, sobre uma pretensa condição inata. Isso, inclusive, fez consolidar um imaginário identitário sobre o que é o futebol no Brasil ou o futebol brasileiro. Essa tradição inventada, para utilizar a terminologia de Hobsbawm (1990b), evidencia, então, a construção de uma identidade sobre o que é o futebol brasileiro a partir do recorte racial imbricado nos estereótipos étnico-raciais, como apontam Abrahão e Soares (2009a).

Por conseguinte, deve-se entender a democracia racial como uma ideologia que visava criar um projeto de integração nacional que precisava, desta maneira, ser ressignificado no bojo das discussões sobre a questão racial. Antônio Soares (2003) argumenta que a percepção de Gilberto Freyre em relação à questão racial no Brasil está balizada a partir da perspectiva comparativa com os Estados Unidos e de como elas se diferem:

Freyre discorda da crença de que a mestiçagem e o peso do negro impediriam o desenvolvimento do país, tomando como contra-exemplo os Estados Unidos. Sua experiência com Estados Unidos dos anos 20, por ter uma política hostil e violenta em relação aos negros no sul, tornou-se uma referência para pensar positivamente as relações raciais no Brasil. O parâmetro comparativo para Freyre era sua experiência de jamais ter presenciado a mesma hostilidade e violência contra os negros que observou nos Estados Unidos. Aqui em nossa terra, a contemporização dos antagonismos teria criado um clima de maior tolerância, que auxiliaria o processo de democratização e de construção da unidade em torno da nação (Soares, 2003, p.154).

Desta maneira, a construção da ideia e da política de Estado da democracia racial visava amenizar a conflituosa relação racial do pós-escravidão, em que os negros foram inseridos de maneira subalterna, sob o manto da eugenia racial. Nas

primeiras décadas do século XX, a passagem de uma visão negativa da mestiçagem, da miscigenação cede espaço para uma visão positiva. A elaboração definitiva disso, como já mencionado, foi a emergência da interpretação freyriana sobre as relações raciais (Telles, 2003). Nesse sentido, essa perspectiva constitui-se como um mito procurando esconder os conflitos escancarados e os latentes das relações raciais no Brasil (Fernandes, 2008).

Conforme Edward Telles (2003, p. 50):

Freyre argumentava que o Brasil era único dentre as sociedades ocidentais por sua fusão serena dos povos e culturas europeias, indígenas e africanas. Assim, ele sustentava que a sociedade brasileira estava livre do racismo que afligia o resto do mundo. A noção de que o sistema escravagista e as relações raciais tinham sido mais benignos no Brasil do que nos Estados Unidos já era aceita; entretanto, Freyre transformou tal contraste num aspecto central do nacionalismo brasileiro, conferindo-lhe um *status* científico, literário e cultural que duraria pelos menos até a década de 80.

Essa perspectiva consignou um modelo de compreender a processualidade de inserção do negro como jogador de futebol. Segundo Abrahão e Soares (2009a, p. 13), utilizando a categoria drama de Roberto DaMatta, “podemos pensar que o racismo ou o preconceito de cor pode aparecer também nos domínios do futebol, com as mesmas ambiguidades dramatizadas no contexto cultural da sociedade brasileira”. Neste sentido, a obra de Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*, publicada pela primeira vez em 1947, é fundamental, visto que ela reproduz a perspectiva da positividade da inserção do negro pensando-os como heróis, negros e mulatos, pois são portadores da ginga<sup>4</sup>. Para o referido autor, o futebol trazido da Europa se tornou brasileiro de fato quando incorporou os negros, tomando uma feição identitária própria, específica.

---

<sup>4</sup> A obra do jornalista Mário Filho teve duas edições: a primeira em 1947 e a segunda e definitiva em 1964. Segundo Antonio Jorge Soares (2001), em obra publicada no final da década de 1990, grande parte das produções sobre a história do futebol no Brasil incorporou boa parte dos aspectos narrativos elaborados por Mário Filho. Ademais, aspecto de grande relevância na obra, segundo ele, é a mudança de perspectiva em relação às questões raciais. Na edição de 1947, Mário Filho narra com entusiasmo o processo de ascensão do negro dentro do espaço democrático do futebol, designando o fim do racismo, uma vez que havia entre os jogadores de “diferentes raças” uma verdadeira harmonia. Na edição de 1964 essa perspectiva desaparece e grande parte dos trechos que asseveram isso foram suprimidos, uma vez que, segundo ele, havia ocorrido o recrudescimento do racismo após a derrota de 1950, especialmente a partir de Barbosa. Contudo, segundo Antonio Jorge Soares (2001, p. 25), essa perspectiva narrativa de Mario Filho nada mais é do que estratégia narrativa: “*O recrudescimento do racismo*, segundo análise que estou aqui realizando, parece apenas representar uma estratégia para Mário Filho anunciar dano, perseguição, injustiça, separação e, por fim, anunciar a vitória dos injustiçados e o retorno da unidade nacional; a afirmação do Brasil multirracial e miscigenado”.

Essa identidade, afirmam Abrahão e Soares (2009a, p. 14), opera a partir de uma lógica mítica, uma vez que

[...] o futebol trazido pelos ingleses tinha no início seu acesso restrito à participação das classes abastadas economicamente e branca, quando foi apropriado pelas classes populares – destaque-se os afrodescendentes – o futebol passou a ser mestiço, negro e “brasileiro”, transformando-se numa “verdadeira instituição nacional”, nas palavras de Gilberto Freyre [...] Nesse sentido, a imagem idealizada do jogador negro – como membro de um grupo étnico especialmente dotado para atividades que dependem principalmente da emotividade e/ou das habilidades artísticas e corporais – acabou por reiterar uma visão otimista da mestiçagem, metonimizada pelo sucesso do futebol “mestiço”. Tal imagem está presente naquilo que se identifica como estilo de jogo, o estilo visto, ainda em nossos dias, como legado da cultura africana na constituição étnica do Brasil e de seu futebol.

Nessa perspectiva, a inserção do negro se dá de maneira ambígua. As representações sobre os jogadores negros ocorreram vinculadas a características inatas e naturais exclusivas de sua raça: irracionalidade, ginga, impulsividade, arte, musicalidade, excesso, como afirma Cesar Gordon Jr. (1996, p. 77). Esses estereótipos operam positivamente e/ou negativamente dependendo do contexto e do momento, e fazem parte de um construto sociopolítico pautado por relações de poder, pela configuração de relações hierárquicas. Essas construções têm funcionado como emblema da proximidade dos negros com a natureza, símbolo da irracionalidade, guiados não pela razão, mas pela emoção e pela impulsividade (Abrahão; Soares, 2009a).

Anatol Rosenfeld (1993, p. 28), no livro *Negro, macumba e futebol*, a partir de dois prismas, *positividade* e *negatividade*, argumenta que a visão do branco sobre o negro no Brasil oscilou sempre nesses dois polos.

Dessa maneira, o branco forma a pessoa de cor de acordo com a imagem que faz dele. Entre os inúmeros estereótipos existem alguns que parecem ter valor positivo. [...] os negros são: preguiçosos, pouco confiáveis, descuidados, falsos, sujos, pervertidos, inconstantes, supersticiosos, selvagens, briguentos, depravados, burros, primitivos, beberrões, incontroláveis, etc. [...] os negros são: simples (portanto, podem viver com menos dinheiro do que os brancos), humildes, dóceis, afáveis (característica positiva, que por outro lado caracteriza a personalidade do escravo ideal), talentoso do ponto de vista musical e da dança (“pode não estar tudo bem com ele, mas vive com mais prazer do que nós”), muito forte (portanto, adequado aos trabalhos mais pesados), religioso (“eles são pobres, mas encontram na fé mais

alento do nós no dinheiro”), sensuais, dotados de sexualidade (a mulher negra como objeto sexual do homem branco), emotivos, imaginativos (“eles são mesmo crianças, não podemos levá-los muito a sério”).

Esses estereótipos foram incorporados às análises sobre a inserção do negro no futebol e funcionaram como elemento constitutivo nas explicações sociológicas, históricas e jornalísticas sobre como esse esporte se consolidou no Brasil. Grande parte disso se deve, segundo Abrahão e Soares (2020; 2009a), à difusão e à reprodução das teses presentes no livro de Mario Filho, acima citado. Inspirado pelas teses de Gilberto Freyre da inserção sem segregação, o autor ajuda a consolidar uma visão de hierarquização e da naturalização da mesma. Com efeito,

Num sistema como esse não havia necessidade de segregar o mestiço, o mulato, o índio ou o negro, porque as hierarquias asseguram a superioridade do branco como grupo dominante. A “fábula das três raças” pode ser prosaicamente ilustrada por um triângulo que situa o branco, o negro e o índio como os formadores de um novo padrão racial (Abrahão; Soares, 2009a, p.18).

Nesse sentido, a ambiguidade, o jogo da inclusão excludente e a dissimulação permanente serviram para operacionalizar o processo de hierarquização, de dominação e de subjugação. Nessa perspectiva, a manipulação permanente evocando a *positividade* ou *negatividade*, conforme convêm a circunstância ou momento histórico, consolidou esse jogo contraditório sobre as questões raciais no futebol. Ademais, essa perspectiva sobre as questões raciais delimitou os espaços de atuação do negro, de modo que “no fio da navalha entre hierarquizar e, ao mesmo tempo, integrar, os adjetivos que nasceram da identidade da ‘raça negra’ no espaço do futebol são distintos daqueles esperados para os pretendentes em atuar em atividades consideradas superiores, ou intelectuais” (Abrahão; Soares, 2009a, p.18). Em síntese, ao negro cabe o uso do corpo dentro da ambiguidade inclusão excludente no racismo à brasileira. O uso do cérebro lhes é vedado, uma vez que essas condições não lhes é inata pela condição racial<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Convém uma menção simples, um adendo sobre a atualidade no futebol. Não há espaço para o jogador preto *pensador*, o jogador que organiza o jogo. Seus espaços estão bem delimitados: ou como brucutus, marcadores implacáveis ou velocistas predominantemente. Ainda que não seja regra, essa nos parece ser uma característica que predomina não apenas no Brasil, mas também em outros grandes centros do futebol. Evidentemente que há necessidade de se fazer uma pesquisa quantitativa e qualitativa acerca desta afirmativa. Mas essas impressões saltam aos olhos ao acompanhar os principais campeonatos de futebol mundo afora.

## A Copa do Mundo de Futebol, modernidade e a questão racial

Havia uma grande expectativa em relação à Copa do Mundo de 1950, tanto no Brasil como em diversas outras partes do mundo. Primeiro, porque o evento foi visto pela imprensa esportiva e por significativa parte dos políticos brasileiros como um evento de dimensões e amplitudes mundiais. Nesse sentido, havia uma mobilização enorme em torno do significado do evento, pois era uma oportunidade de o *Brasil* apresentar-se, de mostrar-se como uma nação moderna, desenvolvida. O futebol era elemento importante nesse bojo; apresentar-se como um time de grande capacidade técnica na prática do esporte bretão, sobretudo pelo entusiasmo do terceiro lugar na Copa de 1938 na França. Segundo, devido à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o campeonato não era disputado desde 1938, então havia uma demanda reprimida pelo evento, gerando grande expectativa nos meios de comunicação.

Neste sentido, sediar o evento foi encarado por políticos, governo e imprensa e parte da *intelligentsia* como forma de mostrar que o país estava mudando a faceta de atraso e virando uma nação moderna. Como já dito, havia grande entusiasmo mais ou menos generalizado, difundido pela imprensa. Imbricado e atrelado a isso o discurso de modernizar o Brasil fazia da Copa parte constitutiva disso, tanto pela capacidade de mostrar-se para o resto do mundo, especialmente para os países ricos, como um país capaz de realizar eventos do mundo moderno, como poder competir como eles através do esporte. Conforme Gerson Fraga (2009), modernidade naquele contexto significava uma imitação do colonizador. Tendo em vista as questões raciais, a perspectiva a ser imitada era o *ethos* da raça branca.

Conforme afirma Miguel Freitas Jr. (2012), em sua análise sobre as justificativas para a derrota na Copa de 1950, diversas crônicas sobre futebol no período vislumbrava a leitura do “caráter nacional brasileiro”, revelando, assim, uma angústia nacional para superar o “atraso”, e vencer era provar que o atraso havia sido superado, alcançando, assim, o grau exigido para a civilização. No entanto, fomos derrotados de virada na final no Maracanã pelos uruguaios no estádio construído especialmente para o evento – feito para ser o maior do mundo –, como símbolo de modernidade. Nessa perspectiva, para o imaginário construído, ganhar o campeonato era um meio de promover o Brasil através da seleção, almejando alçar o país ao panteão das nações desenvolvidas. Por isso, essa derrota da seleção foi entendida e

difundida como uma derrota da nação; derrota de todos os brasileiros<sup>6</sup>. Com efeito, a dimensão da derrota foi enorme, exigindo desde então justificativas. Nesse sentido, sua vinculação permanente aos sentimentos nacionais ou pelo menos à identidade nacional atrelada ao futebol – sobretudo em produções jornalísticas esportivas –, exigiu explicações. Nessa perspectiva, ela foi sempre lembrada, rememorada como a maior derrota do futebol brasileiro. As implicações subjacentes às justificativas serviram, logo após a derrota, para reforçar preconceitos e estereótipos raciais, especialmente os relacionados aos jogadores negros.

Isso inclusive contribuiu para a elaboração do complexo de vira-lata de Nelson Rodrigues, publicado em maio de 1958, antes da estreia da seleção brasileira na Copa em que a seleção se sagrou campeã mundial pela primeira vez. Segundo ele, essa falta de autoconfiança devia muito à derrota para o Uruguai em 1950.

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo em vão sobre a derrota. Dirse-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: - "extraí" de nós o título como se fosse um dente" (Rodrigues, 1993, p. 51).

## A grande final: Brasil x Uruguai

Ao todo 13 seleções participaram da competição. A seleção brasileira, antes da grande final e do *Maracanazo*, conquistou vitórias significativas: contra a Suécia por 7x1, que era uma das grandes potências no futebol naquele período, e a grande vitória que fez com que o Brasil chegasse à final como o favorito contra a Espanha por 6x1, fato conhecido como “Touradas de Madrid” (Fraga, 2009). Essa vitória foi muito comemorada entre os brasileiros, criando um clima de confiança e otimismo. Entoando o cântico:

---

<sup>6</sup> Partimos da elaboração Benedict Anderson (2008) em *Comunidades Imaginadas*. Segundo ele, a construção do Estado-Nação envolve questões de diferentes matizes, logo inúmeras variáveis são mobilizadas no processo de construção de uma identificação nacional capazes de mobilizar o sentimento de pertencimento e representatividade dessa nacionalidade abstrata, mas que se efetiva em representações simbólicas concretas.

Oba, oba, ai, ai, ai...  
viemos no Maracanã  
Oba, oba, ai, ai...  
viemos no Maracanã  
Porque chegou o grande dia  
Pra turma jogar prá ser campeã  
Porque chegou o grande dia  
Pra turma jogar prá ser campeã (Bruck, 2012, p. 08)

A final representou, mais do que uma partida de futebol, um embate de fronteiras, da diferença, com todas as suas idiossincrasias que, para o Brasil, muito além do título, significava se afirmar enquanto nação moderna. Com o otimismo que o Brasil chegava à final, muitos o cravavam como campeão mundial. O embate final ocorreu no dia 16 de julho de 1950, tendo começado a peleja às 15 horas. As duas equipes terminaram o primeiro tempo empatados em 0x0, mas no segundo tempo o Brasil abriu o placar com o atacante Friaça. Vale destacar que para ficar com o título de campeão mundial o Brasil precisava apenas de um empate. Mas, aos 20 minutos do segundo tempo, Schiaffino empatou a partida para a seleção celeste. Aos 33 minutos, para o desespero dos brasileiros, o ponta direita Ghiggia marcou o segundo gol uruguaio, decretando a derrota da seleção brasileira.

Estava decretada a tragédia, como foi construída a derrota no dia do *Maracanaço*. Segundo Gerson Fraga (2009), ela foi alçada a categoria semelhante às diversas tragédias que abalaram as diferentes civilizações ao longo da história.

Quem, por exemplo, nunca se sentiu atraído ou curioso a respeito de alguma reportagem a respeito do naufrágio do Titanic, sobre as pessoas soterradas pela lava em Pompéia e Herculano devido à erupção do Vesúvio ou ainda sobre a explosão das primeiras bombas nucleares sobre populações civis em Hiroshima e Nagasaki? Talvez a famosa frase de Nelson Rodrigues, de que a derrota de 1950 em pleno Maracanã teria sido um momento de tragédia nacional, mas, também por ter sido alçada à condição de tragédia nacional, ela se permite ser constantemente recontada, afim de que as novas gerações saibam sobre os acontecimentos daquele dia (Fraga, 2009, p. 320).

A derrota para o Uruguai consolidou a “cultura da desculpa” como uma forma de justificativa para esse fracasso. Essa cultura foi difundida, sobretudo pelos irmãos Mario Rodrigues Filho e Nelson Rodrigues, através do *jornal dos Sports*. Segundo Miguel Freitas Jr. (2012), diversas desculpas foram dadas ao fracasso. Havia um clima de já ganhou, de oba-oba e enorme falta de humildade. Esse clima de “já ganhou” atrapalhou muito os jogadores. O jogador Bauer cita que os atletas de futebol da

seleção brasileira aceitaram a ideia de já serem campeões depois da vitória sobre a Espanha por 6x1. Havia, assim, um excesso de confiança que era estimulado pela imprensa, por diversos políticos, torcedores em geral e pelos jogadores. Isso tinha muito a ver com a famosa goleada sobre os Espanhóis, chamada pela imprensa de “Touradas de Madrid”, e também pelo fato de jogar pelo empate contra o Uruguai. Também a utilização da seleção como um meio político, pois antes do jogo, no sábado do dia 15 de julho, muitos jogadores estavam em dia de folga em uma quadra em São Januário, quando foram chamados a um salão nobre para encontrar políticos – deputados, senadores e vereadores de olho nas eleições que ocorreria dali a três meses –, enfatizando que os jogadores no dia seguinte seriam campeões mundiais. O uso para fins eleitoreiros visava aumentar a popularidade junto ao eleitorado. Também na Tijuca, jogadores receberam a visita do candidato a vereador Flávio Costa. Houve então uma mudança no local de concentração, por causas políticas. Em suma, diversos políticos surfaram na onda do sucesso da seleção, utilizando a seleção para fins eleitorais. Segundo o relato do goleiro Barbosa (*apud* Freitas Jr., 2012, p. 128) ocorreu enorme petulância de agentes na concentração:

Tentei fazer uma refeição na concentração do Brasil, no dia da finalíssima contra o Uruguai, mas mal pude comer, porque a todo momento era interrompido por cartolas, políticos e penetras de todo tipo que queriam saudar os campeões do mundo.

### **O negro Barbosa, o grande culpado**

No final, apesar dessas diversas desculpas, a culpa pela derrota caiu nos ombros de Bigode, Juvenal e Barbosa, todos negros. Bigode e Juvenal por terem sido intimidados pelas chegadas firmes de Obdúlio Varela, o capitão do Uruguai, e driblados com facilidade no jogo, ratificando a instabilidade emocional intrínseca do sujeito negro. E por último Barbosa, o goleiro brasileiro escolhido como o grande culpado, como apontou Mário Filho (2003).

Desta maneira, Abrahão e Soares (2009) argumentam que as narrativas de Mário Filho, tanto em relação à derrota quanto às questões raciais a ela imbricada, fez consolidar uma narrativa em que

as representações racistas da instabilidade emocional, da falta da racionalidade necessária e, até mesmo, da falta de caráter e de confiança dos negros, para ocupar a estratégica posição de goleiro. Especula-se que a culpa atribuída a Barbosa pela derrota de 1950 fez

reacender um preconceito e sua devida denúncia de que “negro não dá para ser goleiro (Abrahão; Soares, 2009, p. 23)

A despeito das críticas em torno da narrativa de Mario Filho – como mencionado na nota acima – esta perspectiva foi consolidada e encontra respaldos se pensar a obra do jornalista não apenas como fonte, mas também como representativa de uma época, de ter a capacidade de elaborar uma percepção mais ou menos generalizada em determinado contexto, como argumentam Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. (2001)<sup>7</sup> ao elaborem uma crítica à crítica de Antônio Jorge Soares (2001).

À vista disto, Sérgio Souto (2001) argumenta que o goleiro Moacyr Barbosa Nascimento (1921-2000) esteve no banco dos réus por cinco décadas, tido como um dos vilões da perda do título mundial no Brasil. A despeito do goleiro já ser um jogador multicampeão e experiente, uma vez que havia defendido a seleção por mais de 40 jogos e era o arqueiro titular do Vasco da Gama há vários anos, pelo qual conquistou o campeonato carioca por cinco vezes – 1945, 1947, 1949, 1950 e 1952 – e o primeiro título sul-americano de uma equipe brasileira em 1948. Não obstante, sua imagem foi marcada pela tragédia de 1950, pela qual ele esteve até sua morte no banco dos réus, como ele mesmo menciona em diversas entrevistas (Barbosa... 2011). Além disso e a despeito dos possíveis debates, impressões e reproduções do racismo à brasileira à época, o que se solidificou foi uma memória coletiva difundida pela imprensa e por significativa parte das produções acadêmicas sobre a problemática, apontam Abrahão e Soares (2020).

Os estigmas e os estereótipos vinculados às pessoas negras condensados em torno da figura de Barbosa perduram até o presente, tendo como principal expoente dessa lógica, que inclusive serve para perpetuar o racismo, a ideia de que goleiros negros são instáveis e não confiáveis. Basta uma pesquisa rápida na internet para encontrar depoimentos e entrevistas de ex-goleiros negros assegurando que estigmas vinculados à cor definem a percepção sobre os mesmos.

Por causa do que aconteceu com o Barbosa, coisas como ‘goleiro negro não enxerga à noite’, ‘goleiro negro amarela’, ‘goleiro negro dá

---

<sup>7</sup> Segundo os autores, “é o próprio Soares quem nos fornece a chave para reafirmarmos o caráter histórico, apesar de romanesco, do NFB [*O negro no futebol brasileiro*], quando menciona que o livro foi basicamente montado a partir de depoimentos das pessoas envolvidas, sendo, portanto, uma recuperação da tradição oral do futebol, e que nos transmite ainda um ‘clima de época’” (Helal; Gordon Jr., 2001, p. 55-56).

azar’ começaram a ser ditas e repetidas [...] Às vezes, aparecia alguém e perguntava se eu tinha algum garoto para indicar, mas falavam ‘Tem de ser loiro, não pode ser negão’ (Valente; Gomes, 2021).

Essas palavras são de Aguinaldo Moreira, goleiro de Santos, Portuguesa, entre outros nas décadas de 1960 e 1970, em entrevista à *ESPN* em janeiro de 2020, evidenciando como a maldição havia colado nos goleiros a partir da questão racial.

Não são raros os casos de reprodução dessa perspectiva através da grande imprensa, especialmente por gente ligada ao futebol ou à própria imprensa. Em 2006, às vésperas da Copa do Mundo, o Brasil voltou a ter um goleiro preto como titular na meta do gol, Nelson de Jesus Silva, o Dida. Chico Anysio (1931-2012), conhecido e reconhecido como um dos maiores humoristas do país e um apaixonado por futebol e pelo Vasco da Gama, asseverou: “Não tenho confiança em goleiro negro”, relembrando de Barbosa na Copa de 1950 (Chico... 2012). O ex-jogador Edilson – que é negro –, campeão da Copa do Mundo de 2002, campeão mundial pelo Corinthians e que jogou em outras grandes equipes do futebol brasileiro, em participação no programa Fox Sport Radio reproduziu essa mesma perspectiva:

Zinho, você me falou do goleiro negão uma vez. Eu não esqueço disso. A gente tava jogando, Guarani e Palmeiras, e jogando, jogando, jogando, e o goleiro fazendo milagre, pegando cada bola. Aí eu passo por ele [Zinho] dentro do jogo: 'Zinho, tu não vai fazer gol hoje?'. Aí ele falou: 'Esse goleiro é negão, daqui a pouco ele erra'. Aí 43, chutaram uma bola de longe, a bola entrou, e ele passou por mim correndo, comemorando: 'Tá vendo o que eu falei? É goleiro negão. Goleiro negão sempre toma um gol' (Acusado... 2018)

Questionado sobre os números positivos de Jailson – goleiro negro do Palmeiras sobre quem falavam durante o programa – e sobre o seu ex-companheiro de seleção e de Corinthians, Dida, Edilson argumentou: “*Deixa chegar a hora certa. O Dida não era negão. É pardozinho. (...) Tem coisas no futebol que vocês não jogaram, vocês não entendem. Goleiro negão é igual*” (Racismo???, 2018). Evidenciando a permanência da perspectiva cor da pele, da raça, ser uma condição inata para determinadas qualidades ou defeitos. Os depoimentos dos goleiros Hugo Souza do Corinthians e John do Botafogo, dois goleiros pretos protagonistas em seus clubes, argumentam que sofrem da maldição de Barbosa (Hugo..., 2024; Perez, 2024).

Não apenas depoimentos de ex-goleiros ou de goleiros negros servem para demonstrar como a “maldição” de Barbosa se consolidou, é perpetuada e reproduzida (Garcia; Amaral, Vidica, 2022; Acusado..., 2018; Gentile; Lima, 2020). Segundo dados apresentados por Alexandre Maciel (2019), dos 106 goleiros que atuaram pela seleção brasileira 92 eram brancos e 14 eram negros. Após o ex-goleiro Dida deixar de ser convocado, 16 goleiros vestiram a camisa da seleção. Desses, apenas 3 eram negros, mas nenhum jogou em Copa do Mundo, ainda que Jefferson tenha feito parte do elenco mundial de 2014. Além de Dida, apenas o goleiro Haílton Correia de Arruda, o Manga, jogou em Copa do mundo, no terceiro e último jogo da seleção na Copa de 1966.

### Considerações finais

Buscou-se no texto apresentar mediante dados, entrevistas e falas como o racismo ordinário e cotidiano são manifestações sintomáticas do racismo estrutural historicamente produzido e reproduzido quase de modo automático no Brasil. Ademais, demonstrar como o racismo à brasileira se configura como estrutural e estruturante, pois continua sendo constitutivo de nossas relações sociais. O futebol é espaço privilegiado para sua análise uma vez que está presente na vida ordinária da maioria dos brasileiros, seja como paixão ou como elemento midiático. Na perspectiva de que o futebol no Brasil está imbuído da lógica do racismo à brasileira, buscou-se demonstrar como a figura do goleiro constitui-se como elemento singular para compreender os espaços que devem ou não ser ocupados a partir das condições raciais dos sujeitos.

Nesse sentido, buscamos demonstrar que se deve compreender o racismo como uma relação social concreta; ainda que o racismo seja fruto de construtos sociais imaginados e de ideologias ele se constituiu como uma realidade de ações concretos de indivíduos, entidades, organizações e Estados.

Historicamente a inserção do negro no futebol no Brasil evidencia o *modus operandi* do racismo à brasileira: inclusivo excludente. A ambiguidade dessa relação permitiu ora exaltar ora depreciar o jogador negro, mas sempre através de estereótipos e estigmas, atribuindo-lhes características inatas herdadas pela condição racial. Nesse sentido, a posição de goleiro, sobretudo a partir da figura de Barbosa, constitui-se como lugar privilegiado para compreender a operacionalidade do racismo.

A partir de sua figura consolidou-se a ideia de que o preto sobretudo, não possui capacidade para ser goleiro por supostamente carecer de confiança e organização racional. A estigmatização de Barbosa o colocou no limbo racial para sempre e perpetuou uma perspectiva de caráter racista acerca da função de goleiro. Ainda que Barbosa tenha sido um goleiro multicampeão sua imagem ficou indelevelmente ligada a derrota perpetuamente. Júlio César, o goleiro do fatídico 7x1 contra a Alemanha em 2014, a mais vexatória derrota da história da seleção, nunca teve *culpa*. Mas Barbosa não foi redimido enquanto era jogador e não tem direito a uma memória reconfigurada, que o absolve, 75 anos após o fatídico jogo no Maracanã.

A história do goleiro Barbosa configura-se como exemplo de como o racismo persiste, mas obtuso; um inferno interminável não apenas pela punição perpétua com a qual teve de conviver tanto em vida como em relação à sua memória. Mas também como “inauguradora” de uma maldição que não acaba, transmitida pela genética social do racismo estrutural que acomete todos aqueles que não possuem pele branca e querem ser goleiro no “país do futebol”. A ausência histórica de goleiros pretos na seleção e na história dos principais clubes do país, a permanências de discursos que reproduzem o estigma de que goleiros pretos não são confiáveis e os depoimentos de goleiros pretos atuais ratificando que sofrem racismo demonstram a continuidade dessa maldição.

Nos últimos anos goleiros pretos têm ocupado espaços em grandes clubes não apenas do Brasil, mas também nas grandes ligas europeias. Observando esse movimento, o autor está desenvolvendo um projeto de pesquisa junto ao GEPAF (Grupo de Pesquisa Aplicado ao Futebol), vinculado a Universidade Federal de Goiás (UFG), fazendo um levantamento quantitativo da presença de goleiros pretos nos principais clubes do país levando em consideração as duas primeiras divisões e suas variações, a partir da década de 1970.

## Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 9-23, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view>. Acesso em: 07 abr. 2022.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 9-23, jan. 2009a.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge. O “racismo à brasileira” no futebol. *In*: GIGLIO, Sérgio Setanni; PRONI, Marcelo Weishaupt (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 721-739.

ACUSADO de declaração racista sobre Jailson, Edilson diz: "É em tom de piada". **GloboEsporte.com**, São Paulo, 22 fev. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/acusado-de-declaracao-racista-sobre-jailson-edilson-diz-e-em-tom-de-piada.ghtml>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. Coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos plurais).

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BALIBAR, Étienne. O racismo universal. *In*: BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, nação, classe: as identidades ambíguas**. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 49-108.

BARBOSA: A final da Copa 50 e a carreira pós Copa. [S. l.: s. n.], 2011 1 vídeo (13:33 min.). Publicado pelo canal rluiz66. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uw4OQIbShCY>. Acesso em: 05 fev. 2025.

BRUCK, Mozahir Salomão. Copa de 1950: e o futebol se torna acontecimento midiático eletrônico. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35., 2012, Fortaleza. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54489431-Copa-de-1950-e-o-futebol-se-torna-acontecimento-midiatico-eletronico-1-mozahir-salomao-bruck-2-pontificia-universidade-catolica-de-minas-gerais.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

CARNEIRO, Beatriz; VIRGÍNIA, Catarina. Brasileirão: em 20 anos de pontos corridos, nenhum dirigente negro na Série A. **UOL Esportes**, Futebol, 12 fev. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/02/12/racismo-em-20-anos-de-pontos-corridos-nenhum-dirigente-negro-na-serie-a.htm#:~:text=Para%20Marcel%20Diego%20Tonini%2C%20pesquisador,caras%20a%2C%20opina%20Patrick>. Acesso em: 05 fev. 2025.

CHICO Anysio no futebol: comentarista, caricatura, coalhada e polêmica do goleiro negro. **UOL Esportes**, 23 mar. 2012. Disponível em: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2012/03/23/chico-anysio-no-futebol-comentarista-caricatura-coalhada-e-polemica-do-goleiro-negro/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Imagens do negro no futebol brasileiro. **Vozes, Pretérito & Devir**, Petrópolis, ano 9, v. 5, n. 1, p. 77-98, 2016. Dossiê Temático: História dos esportes. Disponível em:

<https://revistavoices.uespi.br/index.php/revistavoices/article/view/94/107>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CONCEIÇÃO, Daniel M. da. Entre vira-latas e heróis, o racismo no futebol brasileiro. **Captura Críptica**: direito, política, atualidade, Florianópolis, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/6161> Acesso em: 11/04/2025.

DOMINGUES, Petrônio José. O mito da democracia racial e a mestiçagem em São Paulo no pós-abolição (1889-1930). **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 5, p. 275–292, 2013. DOI: 10.36449/rth.v5i0.8019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/8019>. Acesso em: 25 out. 2024.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Coimbra: Edições 70, 2019.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: o legado da “raça branca”. São Paulo: Globo, 2008.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRAGA, Gerson Wasen. **A derrota do Jeca” na imprensa brasileira**: nacionalismo, civilização, e futebol na Copa do Mundo de 1950. 2009. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FREYRE, Gilberto. Football mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938. Disponível em: <https://nacaomestica.org/blog4/?p=1782>. Acesso em: 2 abr. 2022.

FREITAS JR., Miguel Archanjo de. Copa do Mundo de 1950: A cultura da desculpa como justificativa de um fracasso. In: FREITAS, Miguel Archanjo de; CAPRARO, André Mendes. (org.). **Passe de Letra**: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira. Vila Velha: Ponta Grossa, 2012. p. 118-147.

GARCIA, Amanda; AMARAL, Talita; VIDICA, Letícia. Problema do racismo no esporte só será resolvido com debate, diz ex-goleiro Aranha. **CNN**, São Paulo, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/problema-do-racismo-no-esporte-so-sera-resolvido-com-debate-diz-ex-goleiro-aranha/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

GENTILE, Bernardo; LIMA, Vanderlei. "Nunca lamentei minha cor": hoje empreendedor, Jefferson lembra da vida antes do futebol e do mais forte episódio de racismo que sofreu. **UOL**, Esporte, São José do Rio Preto (SP), 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/jefferson-lembra-de-racismo-de-diretor-da-cbf-nunca-lamentei-minha-cor/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, São Paulo, p. 223-244, 1984. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%)

20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\_e\_Sexismo\_na\_Cultura\_Br  
asileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 14 mai. 2020.

GORDON JR., Cesar. “Eu já fui preto e sei o que é isso” – história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. *In*: MURAD, M. (org.). **Pesquisa de campo**. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 1996. Disponível em: [https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/215756\\_6.%20Gordon%20Jr.%20-%20Historia%20social%20dos%20negros%20no%20futebol%20brasileiro.pdf](https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/215756_6.%20Gordon%20Jr.%20-%20Historia%20social%20dos%20negros%20no%20futebol%20brasileiro.pdf). Acesso em: 22 mar. 2022.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, História e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *In*: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e a idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. pp.51-76.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990a.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. *In*: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990b.

HUGO Souza, do Corinthians, vê racismo contra goleiros negros no Brasil: “Palhaçada tem que acabar”. **Globo Esporte**, São Paulo, 9 dez. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2024/12/09/hugo-souza-do-corinthians-ve-racismo-contr-goleiros-negros-no-brasil-palhacada-tem-que-acabar.ghtml>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MACIEL, Alexandre Vinicius Nicolino. Preto não traz confiança: Moacir Barbosa do Nascimento e a Síndrome de Goleiros negros no Brasil. **Epígrafe**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 83-101, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/167493/162628>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. A Geografia das Copas: o Brasil urbano em 1950. *In*: GIGLIO, Sérgio Setanni; PRONI, Marcelo Weishaupt (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 493-507.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. 2009. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia/?gclid=CjwKCAjw8sCRBhA6EiwA6\\_IF4f3b3wiSIVgAV8hIERv4wP0OxQe-xSSn1v9rSWb6E-ilAK\\_KfR6fmBoCVVkJQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia/?gclid=CjwKCAjw8sCRBhA6EiwA6_IF4f3b3wiSIVgAV8hIERv4wP0OxQe-xSSn1v9rSWb6E-ilAK_KfR6fmBoCVVkJQAvD_BwE) Acesso em: 15 jan. 2022

MURAD, Maurício. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. 2 ed, São Paulo: Benvirá, 2017.

PEREZ, Giba. John mantém legado vivo e entra na lista de grandes goleiros negros da história do Botafogo. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2024/11/28/john-mantem-legado-vivo-e-entra-na-lista-de-grandes-goleiros-negros-da-historia-do-botafogo.ghtml>. Acesso em: 11 abr. 2025.

RACISMO??? Veja o que Edílson Capetinha fala de Jailson "Goleiro Negão falha". [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (1:22 min.). Publicado pelo canal Guto Gameplay. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gmV6NQnC2oM&t=3s>. Acesso em: 05 fev. 2025.

RODRIGUES, Nelson. O tempo e a eternidade. *In*: RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013.

RODRIGUES, Nelson. Complexo de Vira-latas. *In*: RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 51- 52.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Edusp, 1993.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro**: uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. *In*: NOVAES, Fernando (coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 173-244.

SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. *In*: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e a idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13-50.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol brasileiro e sociedade**: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

SOUTO, Sérgio Montero. A construção da memória da Copa de 50. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35., 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2SOUTO.PDF> Acesso em: 03 dez. 2019.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.

VALENTE, Rafael; GOMES, Marcelo. Discípulos de Barbosa falam de estigma sobre goleiro negro, racismo e também exaltam o velho camisa 1. **ESPN**, Futebol, São Paulo, 25 mar. 2021. Disponível em: [https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_/id/8365688/discipulos-de-barbosa-falam-de-estigma-sobre-goleiro-negro-racismo-e-tambem-exaltam-o-velho-camisa-1-abriu-portas](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/8365688/discipulos-de-barbosa-falam-de-estigma-sobre-goleiro-negro-racismo-e-tambem-exaltam-o-velho-camisa-1-abriu-portas). Acesso em: 05 fev. 2025.